

SOBRE CORTES E RECORTES*Gustavo Brito¹**Márcia Cristina Hizim Pelá²*

A ciência é feita de recortes. Cada aluno, professor e pesquisador recortam uma parte do tecido da existência para poderem entender melhor as relações, funções e aplicações do olhar verticalizado nesse fragmento do mundo da vida. Cada indivíduo que se atreve a questionar "os porquês" e "os comos" da realidade já está fazendo ciência, uma vez que o cientista é antes de tudo um curioso. E cada curioso que pretende se tornar cientista se impressionará com o volume de conhecimento contido naquele retalho que ele decidiu por estudar. A verdade é que cada vez que nos aproximamos mais do nosso objeto de pesquisa mais detalhes e sentidos afloram da nossa investigação.

No entanto, não se pode fazer uma colcha com poucos retalhos. Da mesma forma que a abundante biodiversidade de um sistema ecológico representa sua saúde, quanto maior for a diversidade da pesquisa, quanto mais amplo for seu campo de interrogações, mais cobertura ela nos dará nas noites frias do inverno da ignorância. Por outro lado, a redução da biodiversidade de qualquer ecossistema, o desaparecimento de espécies, a redução das fontes de água e alimento, o empobrecimento do solo etc. implicam, necessariamente, na desolação, na desertificação e morte. Sem o financiamento das pesquisas, sem a ciência, o ecossistema ameaçado pela infertilidade é o da nossa imaginação, pensamento e vida.

Cabe a todos pesquisadores tecerem, nessa longa malha que pretende dar sentido à massa indistinta do mundo, relações com os que nos antecederam, apertando nós, remendando trechos, e eventualmente acrescentando um retalho à essa colcha em costuração. Todavia, mais importante que a colcha em si, é o aprendizado do pesquisador no seu trabalho de cerzir os dados. Ponto por ponto, um estudante aprende por imitação, inicialmente, a habilidade de interpenetrar os

¹ Diretor e professor do The Rising Sun – Curso de Inglês; Doutorando em Estudos Literários na Faculdade de Letras (UFG).

² Professora do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN); Pós-Doutoranda em Natureza e Produção do Espaço no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG); Coordenadora do Poli(S)íntese: grupo transdisciplinar de pesquisa e estudos em educação e cidade; Secretária Regional da SBPC/Goiás.

seus campos de interesse, e, ao longo do processo, desenvolve uma certa intuição e gosto pelo descobrir e por entender.

Dessa forma a pesquisa mantém vivo o nosso repertório de imitações, e certamente quanto maior ele o for maior será o vigor da nossa curiosidade. São as monografias, dissertações, teses, projetos de extensão e laboratórios de pesquisa as linhas que cosem esses retalhos espalhados pelas mais diversas áreas e subáreas. Cada um desses trabalhos, une partes de incontáveis discursos para que aquele cientista encarando seus dados e encarando seus pares possa ter uma voz que vai dar acabamento àquela investigação, sem, no entanto, nunca dar o arremate. Nesses retalhos que são disciplinas e nessas linhas que são comentários vence a dinâmica da diversidade.

Portanto, os cortes no orçamento da pesquisa no Brasil, primeiramente afetam o nosso campo de imitação, a complexidade do humano está nessa interessante habilidade de imitar criativamente para aprender e criar. Com um repertório menor de imitação, a tendência é para a padronização do pensamento e sem o investimento contínuo na observação dos fenômenos do mundo da vida, a inclinação é sempre o obscurantismo. Os cortes no orçamento da pesquisa ameaçam os recortes do nosso entendimento, enfraquecem as costuras que unem nossos retalhos. E, sem o devido respeito e responsabilidade para com as instituições e com os pesquisadores, o nosso temor é que, no final das contas, grande parte do esforço e investimento empenhados em reunir e entretecer os fragmentos que dão totalidade às nossas investigações possa ser perdido. Uma vez que todo tecido pode virar farrapo, toda floresta pode virar deserto e toda memória esquecimento.

Para nós estes cortes são estratégicos e fazem parte de um dos projetos mais perversos contra a nossa sociedade, projeto este que conta com porta-vozes que chamam professores de vagabundos e falseiam a verdade ao dizer que “ciência é gasto”. É um gasto dispensável. Usam da ideologia do obscurantismo, da pseudociência da negação e de inúmeras artimanhas ideológicas que, paradoxalmente, estão a serviço, em pleno século XXI, da versão mais primitiva do capitalismo. Ou seja, escamoteiam a verdade de que a ciência é uma área estratégica e indispensável para que tenhamos um país pujante, forte, produtor de conhecimento, diverso e, acima de tudo, que proporcione o crescimento intelectual, cultural, econômico e científico da população brasileira de forma equânime.

Esta situação remete-nos à denúncia feita por Darci Ribeiro, no início da década de 1970, no artigo **Sobre o óbvio**. Nele, Ribeiro fala que a crise educacional brasileira, na época, não era uma crise, mas um projeto minuciosamente calculado que tinha como objetivo a derrocada da escola pública e, em consequência, a transformação da educação em um privilégio. Segundo sua análise, este projeto de destruição do sistema público de educação, a ele tão óbvio, não era percebido pela maioria da população brasileira.

Mais de 50 anos se passaram desde então e parece que, apesar de quase ao longo desse mesmo período ter sido construída uma estrutura robusta e produtiva de CT&I no país, ainda estamos com o velho problema de explicar a obviedade do óbvio.

Por que será que, apesar de todo esforço em divulgação científica, a ciência e as vozes dos cientistas não alcançam a maioria da população brasileira?

Uma das memórias mais marcantes da minha infância é a de a minha avó materna duvidar de que nós, seres humanos, conseguimos chegar à Lua. Para ela, apesar das imagens televisivas e de todas as informações sobre essa façanha alcançada pela ciência e pela tecnologia, esta história era inconcebível e, por isso, uma grande mentira. Afinal, os conhecimentos a que teve acesso e que foram adquiridos durante a sua aguerrida trajetória de vida – de mulher, migrante e síria que tinha tripla jornada de trabalho, entre cuidar do comércio, dos afazeres domésticos e dos filhos –, não lhe possibilitavam sentir ou perceber os efeitos imediatos deste feito científico. Hoje, se ainda estivesse viva, talvez o denominaria de *fake news*.

O interessante é que, dialeticamente, ela amava adquirir todas as novidades tecnológicas que eram lançadas nos idos das décadas de 1970 a 1980. Recordo-me de que, no sobrado onde morava, na Avenida Anhanguera, em Goiânia, o velho e bom forno à lenha, que assava os seus divinos pães sírios, conviveu por anos com as aquisições e trocas das novidades que a indústria e o mercado de eletrodomésticos e mobiliário ofertavam. Até o forno à lenha, anos depois, foi substituído por um elétrico.

O novo e o moderno sempre a atraíram, pois representava prosperidade, melhoria de qualidade de vida, entre tantas outras significações que a égide da modernidade incutiu em nossa sociedade. No entanto, apesar de a tecnologia ser o

seu objeto de desejo, o fato é que a ciência como conhecimento – e, por isso, uma das formas de conceber e compreender o mundo – não tinha muito sentido em seu cotidiano de vida. Contudo, esta falta de sentido não significava que a ciência e suas descobertas não estavam presentes em sua rotina de vida. Muito pelo contrário, mesmo sem ter perceptibilidade, ela, minha saudosa avó, a utilizava desde as preparações de suas deliciosas comidas até os negócios que fazia no armazém da família.

O que se pode deduzir desta situação é que a ciência, mesmo presente em seu dia a dia, não fazia parte de suas reflexões, tampouco a abalava ao ponto de transformar algumas de suas crenças e tradições. Por isso, a dúvida e a negação ao feito científico faziam parte de suas narrativas e passaram a ser uma das suas possibilidades de “compreensão” do mundo e até mesmo de sua existência.

Arriscamos a dizer que uma das origens da não percepção do sentido da ciência em sua existência está nas heranças da ciência positivista que criou e disseminou as dicotomias entre o corpo e a mente, o sentir e o pensar, a sociedade e a natureza, enfim, entre a ciência e o cotidiano. Esta concepção encarnou e ainda encarna desde narrativas políticas e midiáticas até processos educacionais. Aliás, esta é uma das estratégias utilizadas para a dominação e a perpetuação de poder.

Por esta razão, o não entendimento da ciência e de seus impactos no cotidiano de vida não são uma particularidade só de minha avó, que hoje, se estivesse viva, estaria com aproximadamente 115 anos. Esta é uma realidade que ainda persiste em nosso país, fruto de falsos paradoxos que envolvem e fragmentam a ciência da vida cotidiana.

É passada a hora de criarmos um projeto nacional de CT&I que esteja a serviço da classe trabalhadora brasileira. Que pense no desenvolvimento para além dos commodities. Que tenha em seus princípios a conexão entre conhecimento e saber; a popularização da ciência; a dignidade humana; e, acima de tudo, a distribuição equânime das riquezas, sejam elas materiais ou imateriais.